



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.120.A015>

## **Parentalidade no Contexto da Paralisia Cerebral: Uma Revisão Narrativa sob Enfoque da Psicologia da Saúde**

*Parenting in the Context of Cerebral Palsy: A Narrative Review from the Perspective of  
Health Psychology*

---

**Daiane Nunes**

Universidade Federal de Sergipe (UFS).  
<https://orcid.org/0000-0002-8680-0206>.  
[daianenunesufs@gmail.com](mailto:daianenunesufs@gmail.com)

**André Faro**

. Universidade Federal de Sergipe  
<https://orcid.org/0000-0002-7348-6297>

### Resumo

A presente revisão narrativa objetivou analisar aporte teórico-empírico acerca da parentalidade no contexto da Paralisia Cerebral (PC), sob enfoque da psicologia da saúde. A PC engloba uma variedade de síndromes clínicas distintas, marcadas por dificuldades motoras e/ou problemas de postura. Pais de crianças com PC estão em maior risco de experimentar estresse parental, sintomas ansiosos e depressivos, diminuição do bem-estar psicológico e da saúde geral. Apesar da presença de desfechos negativos em saúde desses pais, constatou-se que há certa variabilidade no ajustamento psicológico frente aos desafios adaptativos da PC. As evidências reunidas sugerem que essa variabilidade adaptativa pode ser explicada por mediadores cognitivos como a autoeficácia parental e flexibilidade psicológica parental. A síntese dos achados demonstrou a capacidade de ambas as variáveis de influenciar significativamente o ajustamento psicológico de pais de filhos com PC. O aprimoramento das crenças de autoeficácia e da capacidade de se ajustar com flexibilidade às demandas parentais demonstrou ser uma prioridade e uma opção válida para profissionais da saúde que almejem promover respostas mais bem adaptativas desse público. Finalmente, entende-se a necessidade do desenvolvimento de intervenções voltadas à promoção de estados psicológicos mais saudáveis através da flexibilidade psicológica e da autoeficácia desses pais.

**Palavras-chave:** Paralisia Cerebral; Ajustamento Psicológico; Autoeficácia Parental; Flexibilidade Psicológica Parental; Psicologia da Saúde.

### Abstract

*This narrative review aimed to analyze theoretical and empirical contributions regarding parenting in the context of Cerebral Palsy (CP) from a health psychology perspective. CP encompasses various clinical syndromes marked by motor difficulties and/or posture problems. Parents of children with CP are at higher risk of experiencing parental stress, anxiety, and depressive symptoms, reduced psychological well-being, and overall health. Despite the presence of negative health outcomes for these parents, it was found that there is some variability in psychological adjustment in response to the adaptive challenges of CP. The evidence gathered suggests that cognitive mediators such as parental self-efficacy and parental psychological flexibility may explain this adaptive variability. The synthesis of the findings demonstrated the ability of both variables to significantly influence the psychological adjustment of parents of children with CP. Enhancing self-efficacy beliefs and the ability to flexibly adjust to parental demands proved to be a priority and a valid option for healthcare professionals seeking to promote more adaptive responses in this population. Finally, there is a recognized need for the development of interventions to promote healthier psychological states through the psychological flexibility and self-efficacy of these parents.*

**Keywords:** Cerebral Palsy; Psychological Adjustment; Parental Self-Efficacy; Parental Psychological Flexibility; Health Psychology.

### Resumen

*La presente revisión narrativa tuvo como objetivo analizar aportes teóricos y empíricos sobre la parentalidad en el contexto de la Parálisis Cerebral (PC), desde el enfoque de la psicología de la salud. La PC engloba una variedad de síndromes clínicos distintos, marcados por dificultades motoras y/o problemas de postura. Los padres de niños con PC corren un mayor riesgo de experimentar estrés parental, síntomas de ansiedad y depresión, disminución del bienestar psicológico y de la salud general, incluso en comparación con los padres de hijos con otras condiciones crónicas de salud. A pesar de la presencia de resultados negativos en la salud de estos padres, se constató que existe cierta variabilidad en el ajuste psicológico frente a los desafíos adaptativos de la PC. Las evidencias reunidas sugieren que esta variabilidad adaptativa puede explicarse por mediadores cognitivos como la autoeficacia parental y la flexibilidad psicológica parental. La síntesis de los hallazgos demostró la capacidad de ambas variables para*

*influir significativamente en el ajuste psicológico de los padres de hijos con PC. El fortalecimiento de las creencias de autoeficacia y de la capacidad para adaptarse con flexibilidad a las demandas parentales demostró ser una prioridad y una opción válida para los profesionales de la salud que busquen promover respuestas más adaptativas en este público. Finalmente, se entiende la necesidad de desarrollar intervenciones dirigidas a promover estados psicológicos más saludables a través de la flexibilidad psicológica y la autoeficacia de estos padres.*

**Palabras clave:** *Parálisis Cerebral; Ajuste Psicológico; Autoeficacia Parental; Flexibilidad Psicológica Parental; Psicología de la Salud.*

---

## Introdução

Quando um filho nasce com deficiência, os pais se deparam com uma série de demandas. São exigidos recursos adaptativos, muitas vezes adicionais, para lidar com questões como o diagnóstico, as expectativas criadas em relação ao filho idealizado, para além dos cuidados que um bebê com deficiência requer. Famílias de crianças com deficiência enfrentam estressores únicos ao longo do tempo (Staunton et al., 2023) e, dentre os diferentes tipos de deficiências, há a Paralisia Cerebral (PC). A PC descreve um grupo de alterações de caráter permanente e não progressivo do desenvolvimento motor, que ocorre durante o desenvolvimento do cérebro fetal ou infantil, estando associado a limitações no perfil de funcionalidade da pessoa acometida (Branjerdporn et al., 2022).

Os pais de filhos com PC estão mais vulneráveis ao adoecimento devido à heterogeneidade do quadro clínico que envolve alterações neurológicas, motoras, comportamentais, intelectuais e emocionais (Pinquart, 2018). As evidências sugerem que há variabilidade considerável em como os pais se adaptam a essas demandas. Enquanto alguns pais se mantêm saudáveis, outros apresentam quadros de adoecimento físico e mental (Boyd et al., 2019). Entender essa variabilidade na resposta adaptativa e o porquê de algumas pessoas adoecerem e outras se manterem saudáveis é uma das importantes questões para a psicologia da saúde.

A psicologia da saúde é o um campo de conhecimento da psicologia relativamente recente, desenvolvida a partir da década de 1970, que está interessada em compreender o processo saúde-doença numa perspectiva psicológica. Essa área busca compreender o papel das variáveis psicológicas sobre a manutenção da saúde, o desenvolvimento de doenças e seus comportamentos associados (Faro & Sousa, 2021). Segundo a Associação Americana de Psicologia (APA, 1978), a psicologia da saúde tem

como objetivo trazer contribuições educacionais, científicas e profissionais da disciplina psicologia à promoção e a manutenção da saúde, a prevenção e o tratamento das enfermidades. Além disso, visa identificar a etiologia e o diagnóstico dos componentes associados à saúde, à doença, à análise do sistema de saúde e ao planejamento da política de saúde (APA, 1978).

A psicologia da saúde tem desempenhado um papel essencial na adaptação e intervenção em vários desfechos de saúde, incluindo a PC que compreende uma temática relevante para esse campo, em função das repercussões psicológicas e do processo de ajustamento psicológico na pessoa acometida e seus familiares (Branjerdporn et al., 2022). Entender os fatores associados à vulnerabilidade desse grupo ao adoecimento, bem como os fatores mediadores do ajustamento psicológico pode ajudar os profissionais de saúde a elaborar estratégias apropriadas que possam ajudar esses pais a lidar com as demandas parentais.

A literatura sobre estresse traz importante contribuição para a Psicologia da Saúde em seu objetivo central de compreender o processo de saúde e doença. O estresse consiste em uma reação fisiológica do organismo que ativa diversos mecanismos de defesa diante de uma situação que é percebida como ameaçadora ao equilíbrio desse organismo. No corpo, o organismo reage, produzindo hormônios e substâncias como a adrenalina, cortisol, e norepinefrina que são essenciais para desencadear uma resposta ao estímulo. No entanto, o estresse se torna prejudicial quando nosso corpo ativa esse mecanismo em situações inadequadas e por tempo prolongado, trazendo consequências e danos para a saúde (O'Connor et al., 2021).

No contexto da parentalidade de filhos com PC, compreender os mecanismos de estresse se torna imprescindível em razão das diversas demandas e situações adversas enfrentadas por esses pais. Além disso, auxilia no entendimento de como a resposta ao estresse pode explicar a vulnerabilidade para o adoecimento, sendo relevante para elaboração de intervenções a fim de mitigar efeitos deletérios do estresse à saúde. Evidências indicam que pais de filhos com PC apresentam maior risco para ocorrência de estresse parental, mesmo quando comparados a pais de filhos com outras condições clínicas, pois esses pais vivenciam desafios únicos ao longo do desenvolvimento de seu filho (Fritz & Sewell-Roberts, 2020).

Estudos sobre a PC têm mostrado que algumas das principais fontes de estresse parental incluem a gravidade do quadro clínico e as dificuldades de cuidado, as relações familiares, o isolamento social devido à mobilidade limitada ou problemas de comportamento do filho, o processo de luto dos pais, principalmente daqueles com o diagnóstico mais recente, entre outros (Fritz & Sewell-Roberts, 2020). Compreender os mecanismos de estresse nesse contexto é fundamental, uma vez que o desenvolvimento das crianças com PC está intimamente ligado à saúde de seus pais e o estresse excessivo pode afetar a função parental, impactando no desenvolvimento de seus filhos (Sivaratnam et al., 2021). Os achados sobre o estresse parental podem ser usados para planejar intervenções eficazes, visando ao bem-estar dos cuidadores e desenvolvimento potencial de seu filho. Logo, entender os fatores associados à vulnerabilidade ao estresse, bem como os fatores mediadores do ajustamento psicológico pode ajudar os profissionais de saúde a planejar estratégias apropriadas que possam ajudar os pais a lidar com as demandas parentais.

O ajustamento psicológico pode ser entendido como processo ou como resultado/produto, frente às demandas que mobilizam recursos adaptativos. Em outras palavras, consiste na adaptação relativa de um indivíduo às mudanças que requerem a disponibilidade de mecanismos de enfrentamento. Como produto, compreende a qualidade desse enfrentamento, ou seja, pode ser positivo e refletir saúde e bem-estar ou negativo, relacionando-se ao adoecimento. O ajustamento positivo pode ser mensurado a partir da ausência de sintomas psicopatológicos, como sintomas depressivos e ansiosos, ou por indicadores de bem-estar como satisfação com a vida ou qualidade de vida. Já como processo, diz respeito a habilidade e capacidade de manejo dos indivíduos de lidarem de modo efetivo às demandas ambientais e ao estresse (Dufner et al., 2019). Nessa dimensão, o ajustamento psicológico pode ser entendido como um processo contínuo de regulação de aspectos intraindividuais como os afetos, cognições e comportamentos para enfrentar situações que evocam a necessidade de adaptação (Kluge & Faro, 2018). No contexto da parentalidade associada à PC, o fenômeno pode ajudar a entender como funciona a capacidade psicológica de adaptação de pais diante dos desafios e das adversidades presentes em seu cotidiano (Whittingham et al., 2022).

Evidências científicas têm demonstrando, de forma consistente, que pais de filhos com PC apresentam resultados mais negativos de ajustamento psicológico (Dickinson et al., 2020; Whittingham et al., 2022). Os recursos intraindividuais adaptativos desses pais tendem a estar mais rebaixados, por exemplo, podem apresentar menores níveis de autoeficácia parental (Ceran & Ceylan, 2021) e menor flexibilidade psicológica (Benjamin et al., 2020). Contudo, apesar de algumas evidências denotarem a prevalência de ajustamento psicológico negativo, parte dos pais de filhos com PC se mostram capazes de lidar efetivamente com as demandas da parentalidade atípica, tomar decisões, resolver problemas e superar desafios que se apresentam. Essa variabilidade adaptativa pode ser explicada por fatores socioambientais, genéticos e psicológicos. À psicologia da saúde interessa esses últimos, isto é, como que os afetos, as cognições e os comportamentos explicam alguns pais adoecerem e outros se manterem saudáveis (Faro e Sousa, 2021).

No campo da psicologia da saúde, uma das formas de compreender o ajustamento psicológico se dá a partir dos mecanismos cognitivos de adaptação. A análise desses mecanismos permite entender a variabilidade de respostas adaptativas e a vulnerabilidade ao adoecimento ou manutenção dos níveis de saúde. Esses mecanismos podem ser entendidos como recursos que influenciam o modo como percebemos, avaliamos e interpretamos estímulos internos e externos e as respostas que emitimos para lidar com tais demandas. Eles possibilitam a emissão de comportamentos em busca de algum nível de adaptação, alterando a probabilidade e/ou intensidade de desfechos em saúde (Kluge & Faro, 2018). Dentre os mecanismos cognitivos de adaptação, estudos apontam a autoeficácia e a flexibilidade psicológica parentais como as principais variáveis que intervêm no processo de mediação entre os estressores e os desfechos em saúde desses pais (Dickinson et al., 2020).

A autoeficácia parental se refere à a confiança do cuidador ou dos pais sobre sua capacidade de obter sucesso nas demandas parentais. A autoeficácia parental está diretamente relacionada a funcionamento psicológico de pais e filhos. Na PC, esse construto diz respeito ao senso de competência e de controle pessoal sobre as demandas associadas à condição atípica de desenvolvimento do filho, especialmente, às demandas de cuidado (Guillamón et al., 2013). Assim como a autoeficácia parental, a flexibilidade psicológica também tem demonstrado relevância no processo adaptativo de pais de filhos

com PC (Irwin et al., 2019). A flexibilidade psicológica se refere à capacidade de estar aberto às experiências difíceis à medida que elas ocorrem, enquanto se envolve em comportamentos consistentes com valores auto-orientados. Na PC, a flexibilidade psicológica é uma resposta e um estilo de enfrentamento das adversidades com base na aceitação e orientação de valores. Trata-se de um modo de se relacionar com eventos privados negativos vinculados às demandas parentais, como emoções, pensamentos e sentimentos comuns ao contexto da PC (Gur & Reich, 2023).

O presente estudo se propõe a analisar a parentalidade no contexto da PC, sob enfoque da Psicologia da Saúde, a partir de uma revisão narrativa, apontando lacunas e direcionamentos de pesquisas. Esse tipo de revisão não se limita a um levantamento sistemático de evidências, mas busca integrar diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e contextuais sobre o tópico abordado. Uma revisão dessa natureza, sob enfoque da psicologia da saúde pode trazer grande contribuição para o campo da PC, especialmente, na compreensão dos aspectos que influenciam o processo adaptativo desses pais. No contexto brasileiro, não foi identificado nenhum estudo dessa natureza. Uma revisão narrativa permite uma análise abrangente da literatura existente sobre os aspectos psicológicos da PC, incluindo evidências empíricas, teóricas e práticas. Isso ajuda a consolidar o conhecimento atual e identificar lacunas ou áreas de discrepância que merecem investigação adicional.

Profissionais de saúde, incluindo psicólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas, podem se beneficiar de uma revisão narrativa que sintetize achados acerca do manejo dos aspectos psicológicos da PC. Isso pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções eficazes para abordar às necessidades dessas famílias. Evidências sustentam que pais mais bem adaptados aos desafios da parentalidade atípica apresentam maior probabilidade de promover ambientes que favorecem o desenvolvimento de seus filhos com PC. Logo, uma revisão narrativa sobre as implicações psicológicas da PC pode contribuir para compreender variáveis associadas ao processo de ajustamento dessas famílias, identificando evidências científicas, lacunas e direcionamentos necessários.

Portanto, este estudo objetivou coletar, reunir e analisar aporte teórico-empírico acerca da parentalidade no contexto da PC, sob enfoque da psicologia da saúde. Especificamente, pretende-se: (a) discutir as características presentes na PC, incluindo

tipologias, perfil epidemiológico e quadro clínico; (b) revisar estresse parental nesse contexto; (c) revisar o ajustamento psicológico de pais e discutir o papel dos mediadores cognitivos; (d) discutir o papel da autoeficácia parental e, por fim, (e) da flexibilidade psicológica parental.

### Método

O presente estudo se trata de uma revisão narrativa, que permite a elaboração de artigos com análises e interpretações críticas mais abrangentes. Esse formato contribui para uma melhor compreensão do estado da arte de um determinado tema, seja a partir de uma perspectiva teórica ou contextual. Por ser uma abordagem ampla, não exige, necessariamente, a aplicação de uma metodologia rigorosa e replicável no que diz respeito à reprodução de dados (Vosgerau & Romanowski, 2014).

Revisões narrativas apresentam um foco qualitativo e interpretativo, o que dispensa a estimativa da quantidade de trabalhos acessados. A ênfase está mais relacionada à análise e integração do conteúdo do que na quantidade de estudos revisados. As revisões narrativas não detalham, necessariamente, as fontes de informação utilizadas, o método empregado para a busca das referências ou os critérios adotados para avaliar e selecionar os estudos. Logo, o impacto de uma revisão dessa natureza está associado à qualidade da análise e da profundidade da discussão que os estudos reunidos proporcionam (Cavalcanti & Oliveira, 2020; Grant & Both, 2009; Rother, 2007).

Foram consultados artigos teóricos, empíricos e outras revisões da literatura, *handbooks*, capítulos de livros, entre outros, nas bases de dados *Scielo*, *PsycINFO*, *Pubmed*, *Science Direct*, *Scopus* e *Google Acadêmico*, realizada para identificar artigos sobre o tema. Optou-se por não impor uma limitação temporal, com o intuito de não descartar estudos relevantes na temática. Utilizaram-se os termos “paralisia cerebral”, “estresse parental”, “ajustamento psicológico” e “pais”. Como critério de inclusão, foram selecionados textos que apresentassem elementos relevantes para a temática da parentalidade na PC, na perspectiva da psicologia da saúde. Os artigos excluídos não atendiam ao critério de inclusão estabelecido ou eram duplicados, ou seja, recuperados em mais de uma base de dados. Após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados

material teórico e empírico que continham informações pertinentes ao objetivo do presente estudo, os quais foram lidos integralmente. A partir da análise dos elementos discutidos em cada texto, emergiram cinco grandes categorias de análise: (a) paralisia cerebral: caracterização, etiologia, prevalência e diagnóstico; (b) estresse parental no contexto da PC; (c) ajustamento psicológico de pais de filhos com PC; (d) Autoeficácia Parental na PC; e (e) Flexibilidade Psicológica na PC.

## Resultados

### *Paralisia Cerebral: Caracterização, etiologia, prevalência e diagnóstico*

A PC abrange um grupo heterogêneo de síndromes clínicas caracterizadas por déficit motor e/ou disfunção postural. Essas alterações decorrem de uma lesão encefálica permanente e não progressiva, causada por fatores hereditários e/ou danos causados no binômio materno-fetal durante a gestação ou mesmo ao recém-nascido no período perinatal (Sadowska, 2020). As desordens motoras são normalmente acompanhadas por distúrbios de sensação, percepção, cognição, comunicação, comportamento, por epilepsia e por problemas musculoesqueléticos secundários. Apesar da PC se caracterizar por uma condição permanente não progressiva, as sequelas e implicações clínicas podem variar ao longo da vida, tornando o prognóstico e enfrentamento à condição acentuadamente complexos (Vitrikas et al., 2020).

A variabilidade no quadro clínico em termos de severidade e tipologias se deve à extensão do dano neurológico, em que lesões mais extensas estão associadas a quadros mais graves de PC. As principais alterações motoras incluem problemas na marcha (paralisia nos membros inferiores), hemiplegia (fraqueza em um dos lados do corpo), alterações do tônus muscular (espasticidade caracterizada por rigidez dos músculos) e distonia (contração involuntária dos membros). As alterações de caráter cognitivo englobam problemas na fala, no comportamento, no desenvolvimento intelectual, entre outras (Vitrikas et al., 2020).

A PC pode decorrer de múltiplos fatores endógenos e exógenos, compreendendo uma constelação etiológica. O principal fator endógeno se refere a aspectos genéticos, isto é, a maior ou menor suscetibilidade do cérebro de se lesionar, o que depende em parte

do ritmo de evolução do sistema nervoso. Já os fatores exógenos levam em consideração o momento que o agente incide sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), sua duração e sua intensidade. Esses agentes são distinguidos por período, a saber: (a) pré-natal, em que os principais fatores etiológicos são infecções e parasitoses, como rubéola, toxoplasmose e HIV, intoxicações por abuso de álcool e outras drogas, radiações, traumatismos e fatores maternos (desnutrição, anemia grave, eclampsia, idade avançada, etc.); (b) perinatal, que estão relacionados, em sua maioria, a fatores maternos como desproporção céfalo-pélvica, anomalias da placenta e cordão umbilical, a fatores fetais como prematuridade e malformações e a fatores de parto, incluindo anomalias de posição e duração do parto; por fim, (c) pós-natal, em que se enquadram fatores como quadros de hipoglicemia, de infecções (por exemplo, meningites), de traumatismos cranioencefálicos (TCE), de desnutrição, entre outros. O mapeamento dos fatores de risco para a PC é essencial para o planejamento de agenda de saúde pública que vise o desenvolvimento potencial da pessoa acometida, com vistas à prevenção desses fatores e intervenções adequadas (Vitrikas et al., 2020).

A PC é considerada a principal causa de incapacidade física da infância, com prevalência global de 2,11 por 1000 nascidos vivos. Em países em desenvolvimento, essa prevalência pode chegar a 7,00 por 1000 nascidos vivos (Sadowska, 2020). Essa disparidade demográfica evidencia características específicas associadas à PC, incluindo aspectos como renda, etnia e escolaridade. Uma revisão sistemática da literatura buscou identificar as relações entre PC e *status* socioeconômico (Solaski et al., 2014). A síntese dos achados apontou que diferentes indicadores foram fator de risco para ocorrência de PC, mesmo controlando fatores de risco clínicos como peso ao nascer e idade gestacional. Constatou-se, ainda, diferenças raciais na prevalência de PC, sendo mais alta em crianças negras (3,6 por 1000 nascidos vivos). No que se refere a outros marcadores, a revisão indicou que mulheres que não receberam cuidados pré-natais e mulheres com baixa escolaridade tiveram um risco aumentado de ter um filho com PC. Condições de empregabilidade também foram associadas à vulnerabilidade para a síndrome, sendo observado risco aumentado em filhos de trabalhadores com menor qualificação profissional (Solaski et al., 2014).

Há poucos dados acerca da distribuição social da PC no Brasil. Um estudo em uma capital do nordeste brasileiro verificou que crianças e adolescentes com PC são, em grande parte, pertencentes a minorias sociais, de raça/cor parda ou preta, e suas famílias vivem na linha da extrema pobreza (Peixoto et al., 2021). Os achados dessa pesquisa revelam a necessidade urgente de uma abordagem ampla e sistematizada dessas famílias no que se refere à atenção em saúde que proporcione melhor qualidade de vida e manutenção dos vínculos sociais. Para além da assistência multiprofissional às pessoas com PC, constata-se a indispensabilidade do cuidado em saúde voltado também para os pais, visto que os resultados em saúde de seus filhos estão intrinsecamente relacionados ao seu papel de cuidador.

O indivíduo com PC necessita de uma rede articulada de cuidados em saúde entre as equipes de saúde e a família, desenvolvendo estratégias que garantam cuidado ampliado e não apenas focado na doença. Verifica-se necessário o planejamento de ações de apoio e de intervenção que promovam o desenvolvimento da criança em seu potencial máximo. Logo, se torna essencial abordar a saúde e bem-estar dos cuidadores, particularmente na perspectiva da psicologia, a fim de promover mecanismos de adaptação frente aos desafios, favorecendo a saúde de pessoas com PC.

#### *Estresse parental no contexto da PC*

A chegada de um filho com PC na família requer uma série de reajustes e adaptações de seus membros, demandando a disponibilidade e manejo de recursos materiais, cognitivos e comportamentais para lidar com as demandas parentais de cuidado, rotina terapêutica, escolar, entre outras. O diagnóstico de PC, além de frustrar expectativas dos pais em relação ao filho idealizado, exige uma readaptação familiar que se estenderá por todas as fases de desenvolvimento desse filho (Freitag et al., 2020). Nesse cenário, para além das demandas presentes na parentalidade neurotípica, os pais (em sua maioria, as mães) assumem um papel de cuidador permanente por prazo indeterminado de uma pessoa com uma condição crônica, o que acarreta em um constante desgaste adaptativo. Esse desgaste pode se sobrepôr aos recursos disponíveis de enfrentamento e sobrecarregar a saúde física e mental desses cuidadores (Crnic & Ross,

2017). Aspectos como a visibilidade da deficiência, isolamento social devido as dificuldades de mobilidade, a fragilidade de saúde do filho, os problemas emocionais e comportamentais são uma fonte contínua de estresse e sobrecarregam os pais (Haque, 2022).

Estudos apontam que o estresse parental traz mais repercussões para os pais e desenvolvimento dos filhos do que o estresse em qualquer outro domínio da vida como, por exemplo, no trabalho (Crnic & Ross, 2017). O ponto central na maioria das teorias sobre estresse parental é o de que todos os pais, independentemente de seus recursos cognitivos, materiais e sociais, experimentam algum grau de estresse parental. Contudo, pais de filhos com alguma condição clínica apresentam níveis mais elevados de estresse parental e, conseqüentemente, mais resultados negativos de saúde, desenvolvimento cognitivo infantil prejudicado e alterações comportamentais (Cousino et al., 2013).

O estresse parental se refere a um conjunto de processos que leva a reações psicológicas e fisiológicas aversivas decorrentes de tentativas de adaptação às demandas da paternidade. Isso geralmente é vivenciado como e crenças negativas em relação a si mesmo e às atribuições parentais. Ele surge quando as expectativas dos pais sobre os seus recursos para atender às demandas da parentalidade não são correspondidas e reflete o sofrimento psicológico frente a essa percepção. Isto é, o estresse parental pode ser entendido como um desequilíbrio desadaptativo que ocorre a partir da avaliação dos pais de que os seus recursos não são suficientes para lidar com as exigências de seu papel parental. Essa definição sugere que, apesar de haver influências sociais, ambientais e biológicas, as crenças dos pais são determinantes para o sofrimento psicológico vivenciado (Abidin, 1995; Pinquart, 2018).

Na PC, os pais apresentam maior vulnerabilidade ao estresse em vista de uma série de fatores. Além das tarefas de cuidador típicas da parentalidade, esses pais enfrentam outras tarefas relacionadas ao gerenciamento de doenças, como auxiliar na mobilidade, acompanhamento terapêutico regular, realização de exercícios e atividades terapêuticas prescritas, o que leva a maior sobrecarga (Elangkovan & Shorey, 2020). Apesar da PC ser uma condição permanente, seu quadro clínico pode variar em um grande espectro ao longo do tempo e outras condições associadas podem surgir (Sadowska et al., 2020).

Logo, os pais precisam lidar com a incerteza e falta de previsibilidade do curso da condição de seu filho.

Outras fontes significativas de estresse parental na PC podem incluir a presença de níveis elevados de problemas comportamentais de internalização e/ou externalização que são frequentemente observados em crianças com PC (Lima et al., 2021). Além disso, pessoas com PC tendem a fazer parte de grupos mais vulneráveis economicamente, ao mesmo tempo em que há um alto custo envolvido nos cuidados, o que culmina na diluição de recursos financeiros que já são escassos e/ou numa assistência fragilizada em saúde (Flanagan et al., 2021). Por fim, os pais podem experimentar sentimento de culpa e de remorso, o que pode afetar a qualidade das relações familiares e os cuidados com filho, além de resultar em intenso e constante sofrimento (Dickinson et al., 2020).

O desgaste adaptativo provocado pelo estresse parental na PC pode implicar em risco de adoecimento. Evidências apontam que a presença de sintomatologia depressiva e ansiosa são mais prevalentes em pais de crianças com PC do que em pais de crianças com desenvolvimento típico (Haque et al., 2022). Além disso, esses pais apresentam mais condições físicas crônicas, como dores de cabeça, úlceras estomacais/intestinais e maior sofrimento geral em comparação com outros pais (Cousino et al., 2013). As implicações associadas aos estressores geram resultados de saúde não só para os pais, mas se relacionam também à saúde do filho através do manejo de sua condição crônica. Isto é, se um pai/mãe é incapaz de enfrentar os desafios de cuidar de uma criança devido ao adoecimento, a criança pode não atingir um nível de função tão alto quanto é capaz e comprometer, mesmo que indiretamente, seu quadro de saúde (Haque et al., 2022). Logo, entender os fatores associados à vulnerabilidade ao estresse e o processo adaptativo pode ajudar os profissionais de saúde a construir estratégias apropriadas que possam ajudar os pais a lidar com as demandas parentais.

#### *Ajustamento psicológico de pais de filhos com PC*

O diagnóstico de PC não impacta apenas a criança acometida pelo quadro, mas também exerce um profundo efeito sobre os pais. A maneira como os pais enfrentam esses desafios e se ajustam às demandas parentais influencia a vida de seus filhos com PC (Elangkovan & Shorey, 2020). O ajustamento psicológico se refere à capacidade de

uma pessoa de se adaptar e lidar de forma eficaz com as demandas, estressores e desafios da vida. Envolve a capacidade de manter um equilíbrio emocional, cognitivo e comportamental, mesmo diante de situações difíceis ou adversidades. Isso inclui a capacidade de enfrentar o estresse, manter relacionamentos saudáveis, regular as emoções e lidar com mudanças (Dufner et al., 2019).

O ajustamento psicológico é um processo contínuo e dinâmico. As pessoas podem enfrentar desafios ao longo de suas vidas que requerem ajustes e adaptações constantes. A literatura aponta que a capacidade de resposta adaptativa do indivíduo varia conforme a sua disponibilidade de recursos cognitivos de enfrentamento (Dufner et al., 2019). Isto é, algumas pessoas podem ter uma capacidade maior de se ajustar às demandas ambientais, enquanto outras podem precisar de apoio para desenvolver essas habilidades. No contexto da parentalidade, o construto diz respeito à capacidade dos pais de lidar com os desafios, estresses e demandas associados à paternidade de uma forma que promova tanto a saúde mental deles quanto o bem-estar de seus filhos (Whittingham et al., 2022).

O ajustamento psicológico dos pais tem sido visto como uma área central de foco na literatura que explora do desenvolvimento das crianças com PC (Whittingham et al., 2022). Evidências sugerem piores desfechos em saúde para filhos de pais com problemas de saúde mental do que em filhos de pais sem essas dificuldades (Dickinson et al., 2020; Dieleman et al., 2021; Sivaratnam et al., 2021). Por exemplo, viu-se que pais com piores resultados de ajustamento psicológico tendem a apontar seus filhos como tendo mais problemas de comportamento. Por outro lado, pais mais bem ajustados, ou seja, aqueles que utilizavam seus recursos adaptativos de forma mais assertiva, percebiam seus filhos como tendo níveis mais elevados de comportamentos pró-sociais (Dieleman, et al., 2021). Esses achados reforçam a necessidade de uma abordagem mais profunda da compreensão dos fatores que influenciam a saúde mental dos pais, visto que pais mais bem adaptados favorecem um ambiente de desenvolvimento potencial aos seus filhos com PC.

O ajustamento psicológico parental no contexto da PC pode explicar a variabilidade na adaptação de pais diante dos desafios presentes em seu cotidiano, bem como possibilita mapear as competências a serem abordadas em intervenções. Evidências sugerem que há uma considerável variação na forma como os cuidadores se adaptam às adversidades presentes na rotina de famílias com crianças com PC (Elangkovan &

Shorey, 2020). Enquanto alguns pais percebem sua situação familiar como pouco estressante, outros experimentam impactos na sua saúde física e mental. Mas por que alguns pais têm sucesso, enquanto outros têm dificuldade em lidar com a situação relacionada às demandas parentais de seu filho com PC? Fatores socioambientais como o suporte social, bem como fatores associados à criança, incluindo problemas de comportamento, idade e gravidade do quadro clínico podem explicar a variabilidade no processo de ajustamento psicológico (Sivaratnam et al., 2021). Variáveis cognitivas como, por exemplo, a autoeficácia e a flexibilidade psicológica parentais estão em destaque na compreensão das diferenças na adaptação frente às experiências adversas vivenciadas por pais de filhos com PC (Bingöl et al., 2023; Ceran & Ceylan, 2021; Gur & Reich, 2023; Reisiee et al., 2021; Whittingham et al., 2022).

#### *Autoeficácia parental na PC*

O conceito de autoeficácia descreve as crenças individuais acerca de sua competência pessoal para realizar um comportamento específico ou conjunto de comportamentos necessários para produzir um resultado ou obter um desempenho em algum domínio (Bandura, 1997). Em outras palavras, refere-se à crença pessoal na capacidade de agir ativamente sobre eventos que afetam suas vidas, a partir de uma série de processos cognitivos, motivacionais, afetivos e decisórios, para produzir certas realizações. O ponto central do conceito de autoeficácia é que a iniciação e a persistência em comportamentos e cursos de ação são determinadas, principalmente, por avaliações e expectativas em relação às habilidades comportamentais e à probabilidade de ser capaz de lidar com demandas ambientais na execução dessas ações (Bandura, 1997).

A autoeficácia exerce influência no ajustamento psicológico a partir de três processos: (a) na definição de metas e persistência; (b) na eficiência cognitiva; e (c) na adaptabilidade emocional. Isso significa que, pessoas com crenças positivas de autoeficácia tendem a estabelecer metas mais desafiadoras e a persistir em seus objetivos mesmo diante dos obstáculos, pois, diante dos desafios, elas utilizam seus recursos cognitivos na resolução de problemas, ao invés de focarem em suas limitações. Em outras palavras, a autoeficácia implica no modo como as pessoas interpretam as demandas adaptativas. Indivíduos com crenças mais positivas tendem a percebê-las como desafios

a serem superados e não como ameaças, estabelecendo metas e cursos de ações para resolvê-las. Eles direcionam seus esforços para o diagnóstico e solução de problemas, proporcionando um *feedback* para melhorar o desempenho. Logo, a probabilidade de obterem sucesso no enfrentamento dos problemas reforça crenças de autoeficácia preexistentes, produzindo estados emocionais mais bem adaptativos (Maddux & Lewis, 1995).

A autoeficácia parental (AEFP) se refere a um domínio específico da autoeficácia e pode ser definida como a crença dos pais na sua capacidade de influenciar os seus filhos de forma a promover um desenvolvimento infantil positivo. A Teoria Social Cognitiva que sustenta a Teoria da Autoeficácia, prevê que AEFP é um importante determinante das práticas parentais. Especificamente, os pais com níveis mais elevados nesse domínio são mais propensos a utilizar práticas parentais que apoiem as competências e potenciais dos seus filhos, bem como a agir de forma a reduzir a probabilidade de piores resultados de ajustamento da criança, comparativamente aos pais com níveis mais baixos (Jones & Prinz, 2005).

Na PC, a AEFP se refere à capacidade dos pais de filhos com deficiências de desenvolvimento de lidar com as dificuldades presentes no cotidiano de cuidado e alcançar os objetivos orientados para o futuro (Souza et al., 2019). A percepção de competência pessoal dos pais para lidar com os desafios e encargos adicionais associados ao cuidado de crianças com PC varia. Níveis elevados de autoeficácia parental estão associados à saúde psicológica, ao enfrentamento eficaz de situações desafiadoras e a uma perspectiva positiva (Whittingham et al., 2022). Estudos sugerem que os pais com crenças adaptativas de autoeficácia apresentam comportamentos parentais positivos, tais como melhorar a condição de saúde e qualidade de vida da criança com PC, bem como reduz os níveis de dependência, proporcionando maior autonomia (Bingöl et al., 2023). Além disso, a AEFP desempenha um papel crucial no controle e no enfrentamento de fatores que causam estresse, ansiedade e depressão, desesperança e pensamentos negativos (Ceran & Ceylan, 2021; Fritz & Sewell-Roberts, 2020) em famílias com crianças com deficiência como a PC. Logo, a AEFP é considerada um recurso cognitivo dos pais na sua adaptação à condição de saúde da criança, na gestão da situação de cuidado e no seu próprio bem-estar físico, emocional e social (Guillamón et al., 2013).

A autoeficácia é identificada como um recurso pessoal significativo que pode ter implicações no ajustamento psicológico dos pais de filhos com PC (Whittingham et al., 2022). O construto reflete a capacidade de cuidar de si mesmo e buscar descanso quando necessário e de lidar com as alterações de comportamento apresentados pela criança. Crenças adaptativas nesse domínio compreendem a competência de gerenciar pensamentos intrusivos e emoções negativas associadas às atividades de cuidado e o manejo das demandas do filho. Em outras palavras, a crença dos pais na sua capacidade de lidar com a situação de cuidado os capacita a realizar ações como fazer pausas, delegar tarefas e buscar ajuda quando necessário. Quando os pais de filhos com PC têm um forte senso de autoeficácia, estes se percebem capazes de implementar ações benéficas no contexto do cuidado. Isto, por sua vez, leva a resultados positivos tanto para as tarefas de cuidado como para o ajustamento psicológico dos pais, implicando, ainda, no bem-estar e desenvolvimento de seus filhos (Guillamón et al., 2013).

Cuidar de crianças com deficiência física pode representar um risco adicional para a saúde mental dos pais. Estudos mostram que melhorar a autoeficácia desses pais é crucial para o desenvolvimento físico, social e emocional dos filhos (Elangkovan & Shorey, 2020; Reisiee et al., 2021). Um estudo apontou que a AEFP esteve relacionada às alterações comportamentais e emocionais dos filhos com PC. Especificamente, viu-se que os filhos de pais com níveis mais baixos de autoeficácia apresentaram mais problemas de conduta, hiperatividade, problemas com pares e piores resultados na interação pais-filhos (Bingöl et al., 2023).

A AEFP influencia a adoção de práticas parentais positivas e fortalece a relação pais-filhos, sendo essa interação um elemento fundamental para o desenvolvimento infantil. A interação eficaz entre pais e filhos está associada a vários resultados positivos para as crianças, incluindo melhor desenvolvimento emocional e social, maior autoestima e melhor desempenho acadêmico. Intervenções que visam o aprimoramento das crenças de autoeficácia indicaram melhores práticas parentais e, conseqüentemente, melhores resultados infantis e maior satisfação com seu papel como pais, sendo um indicador de ajustamento (Reisiee et al., 2021).

Um estudo conduzido com 153 pais de filhos com PC demonstrou que os níveis de AEFP pode variar em decorrência de fatores como o apoio das instituições, sessões

regulares de formação para os pais e fácil acesso à informação através da *Internet* (Ceran & Ceylan, 2021). Os achados dessa pesquisa apontaram que o quadro clínico da criança influencia a crença de competência dos pais, em que à medida que aumentava o número de áreas afetadas pela doença, os níveis de autoeficácia parental diminuía. Além disso, os pais que relataram não se sentirem tristes e terem menos preocupações com o futuro apresentaram maiores escores de AEFP. Por fim, viu-se que experiências parentais bem-sucedidas e histórias positivas relacionadas a indivíduos com características semelhantes são mencionadas como impactando positivamente a família e contribuindo para o desenvolvimento de crenças de autoeficácia nos pais (Ceran & Ceylan, 2021). Esses achados reiteram a necessidade de incluir a AEFP nos programas de intervenção em saúde mental nesse grupo.

Em síntese, tais achados demonstram a notoriedade do papel da autoeficácia no entendimento de desfechos em saúde de pais de filhos com PC. Isso ocorre porque as crenças de competência pessoal apresentam capacidade explicativa sobre a probabilidade de adoecer ou se manter saudável diante das demandas ao lidar com um filho com deficiência. Por razões como essas, a autoeficácia vem sendo um importante tópico dentro da Psicologia da Saúde e um foco potencial na elaboração de intervenções nesse grupo, com vistas à promoção de ajustamento psicológico às demandas desse ambiente. Assim como a autoeficácia, a flexibilidade psicológica também tem se situado como um construto relevante para a compreensão do processo adaptativo desses pais.

#### *Flexibilidade psicológica parental na PC*

Nos últimos anos, tem havido um forte foco na investigação da relação entre flexibilidade psicológica e resultados psicológicos em pais (Cresta et al., 2020; Fluja-Contreras et al., 2023; Gur & Reich, 2023). A flexibilidade psicológica se refere à capacidade de um indivíduo aceitar experiências emocionais aversivas no momento, mantendo o envolvimento em comportamentos baseados em valores (Hayes et al., 2006). Uma maior flexibilidade psicológica parental está relacionada com uma série de resultados positivos de ajustamento psicológico, incluindo maior qualidade de vida, maior bem-estar emocional e funcionamento psicológico mais adaptativo (Benjamin et al., 2020). Em contrapartida, a inflexibilidade, entendida como evitação experiencial, está

associada a uma maior reatividade emocional e ocorrência de transtornos mentais comuns (Zimmer-Gembeck et al., 2022). Logo, a investigação sobre a flexibilidade psicológica parental vem recebendo destaque no campo da Psicologia da Saúde, pois tem sido tópico crucial para entender como os pais podem se ajustar de forma eficaz às demandas da criação dos filhos, promovendo um ambiente de desenvolvimento potencial (Byrne et al., 2021).

A flexibilidade psicológica envolve estar no momento presente de forma mais plena e consciente frente a situações adversas, sem julgar ou tentar mudar os pensamentos e emoções que ocorrem naquele momento, mantendo persistentemente em foco os valores e objetivos pessoais. Em outras palavras, ser psicologicamente flexível geralmente envolve aceitar e se desvincular de experiências internas difíceis, implementando ações consistentes com esses valores (Hayes et al., 2006). A flexibilidade psicológica pode ser entendida como a capacidade de se ajustar com flexibilidade aos desafios adaptativos por meio da aceitação e da vivência plena de pensamentos e sentimentos, ao passo em que se confia em uma estrutura de objetivos e valores para executar estratégias de enfrentamento (Harris, 2019).

No contexto da parentalidade, o construto reflete a capacidade dos pais de gerir pensamentos e emoções negativas frente aos desafios presentes nos cuidados de seus filhos, sendo capazes de manter boas práticas parentais. Isto é, a flexibilidade psicológica parental promove práticas parentais positivas e consistentes através da aceitação parental de experiências aversivas, de modo que a resposta dos pais, em momentos de estresse, permanece enraizada nos valores parentais da família e no melhor interesse da criança (Flujas-Contreras et al., 2023). Pais menos flexíveis psicologicamente tendem a apresentar mais práticas parentais ineficazes, como disciplina muito severa ou regras inconsistentes (Reisiee et al., 2021). Além disso, o construto tem sido relacionado à desfechos negativos em saúde tanto nos pais quanto nos filhos (Benjamin et al., 2020). A evitação experiencial, ou seja, a tendência de evitar, suprimir ou modificar experiências desconfortáveis ou eventos privados (contrariamente à flexibilidade psicológica), tem sido relacionada a maior sintomatologia depressiva nos pais, maior sofrimento psicológico e alterações comportamentais e afetivas em crianças (Brassell et al., 2016; Crasta et al., 2020). Portanto, pais mais flexíveis psicologicamente estão mais bem

preparados para promover ambientes familiares estimulantes e potencializar o desenvolvimento de seus filhos (Byrne et al., 2021)

Frente aos desafios da parentalidade, os pais que apresentam baixa flexibilidade psicológica tendem a avaliar negativamente as suas experiências internas de estresse, o que os levam a implementar estratégias de evitação, supressão e controle (Fonseca et al., 2020). Estas estratégias de evitação podem parecer eficazes a curto prazo, no entanto, a longo prazo, ampliam experiências internas negativas, o que pode levar ao aumento do estresse parental, à aplicação de práticas parentais desadaptativas e à piores resultados de ajustamento psicológico (Byrne et al., 2020). Por exemplo, quando confrontados com situações parentais difíceis (por exemplo, alteração de comportamento dos filhos), os pais com maior flexibilidade psicológica são provavelmente mais capazes de tolerar os seus pensamentos negativos (por exemplo, “O meu filho nunca me ouviu”), emoções (por exemplo, raiva do filho) e impulsos (por exemplo, vontade de gritar). Acredita-se que esta capacidade de manter a aceitação dessas experiências por meio da observação sem julgamento no momento, ao interagir com a criança, promove práticas parentais adaptativas e orientadas por valores (Flujas-Contreras et al., 2023).

Pais de filhos atípicos enfrentam desafios únicos ao longo do desenvolvimento, como barreiras devido ao estigma e costumam experimentar sentimentos de desesperança e esgotamento (Benjamin et al., 2020). Uma revisão sistemática da literatura verificou que em pais de crianças com deficiência, a flexibilidade psicológica está associada a vários aspectos da saúde mental dos pais, como sofrimento psicológico, ansiedade, depressão, sintomas de tristeza crônica, entre outras (Gur & Reich, 2023). Viu-se, por exemplo, que entre famílias de crianças com PC (idades entre 2 e 12 anos) a flexibilidade psicológica afetou significativamente os sintomas depressivos relatados. Além disso, uma maior evitação experiencial (que reflete inflexibilidade psicológica) foi associada ao aumento de tristeza, raiva, desesperança, medo e culpa (Whittingham et al., 2022).

Ter um filho com PC traz implicações complexas em múltiplas dimensões para a família, incluindo o aumento das responsabilidades de cuidados parentais, dificuldades financeiras, sofrimento parental e isolamento social (Staunton et al., 2023). Evidências apontam que pais de filhos com PC mais saudáveis psicologicamente têm mais capacidade de criar crianças psicologicamente saudáveis (Dieleman et al., 2021;

Elangkovan & Shorey, 2020). Na psicologia contemporânea, poucos processos têm sido mais preditivos da saúde psicológica ao longo do tempo do que a flexibilidade psicológica. Na PC, a flexibilidade psicológica parental é relevante pois aborda o complexo contexto emocional da parentalidade para essa população, ao mesmo tempo que promove a capacidade de persistir de forma flexível na descoberta do que funciona na prática com o seu filho (Gur & Reich, 2023).

Um estudo demonstrou que processos de flexibilidade psicológica, incluindo evitação experiencial e defusão cognitiva estiveram associados ao sofrimento psicológico de pais de filhos com condições crônicas de saúde, incluindo PC. Especificamente, viu-se que a evitação experiencial previu significativamente *burnout*, depressão, ansiedade e estresse nos pais e a defusão cognitiva previu apenas sintomas depressivo. Já a atenção plena não esteve associada a nenhum dos desfechos investigados (Sairanen et al., 2018). Outro estudo investigou se a mudança na flexibilidade psicológica dos pais de filhos com PC desde a admissão até o acompanhamento previu sintomas depressivos e qualidade de vida relacionada à saúde. Os resultados evidenciaram que a mudança na flexibilidade psicológica dos pais esteve associada a melhoria da saúde mental e da qualidade de vida no pós-intervenção. A subescala de aceitação emocional foi o preditor mais forte (Benjamin et al., 2020).

Outras intervenções baseadas no aprimoramento da flexibilidade psicológica em pais de filho com PC demonstraram que o construto impactou a disponibilidade emocional na relação pais-filhos, com efeito significativo no ajustamento psicológico por meio da qualidade de vida e bem-estar dos pais (Reissee et al., 2021; Whittingham et al., 2022). Os pais relataram maior conforto com o diagnóstico de PC, maior probabilidade de procurar apoio e de permanecerem conectados com outras pessoas, bem como uma vida mais significativa. A análise da durabilidade dos efeitos da intervenção mostrou que todos os ganhos foram mantidos seis meses mais tarde, com vantagens adicionais na qualidade de vida das crianças relatadas pelos pais (Whittingham et al., 2022). Outra intervenção verificou que a flexibilidade psicológica medeia o efeito da intervenção em estilos parentais disfuncionais e ajustamento parental (estresse parental e da sintomatologia depressiva) (Whittingham et al., 2022). Essas descobertas apoiam a plausibilidade do papel da flexibilidade psicológica no ajustamento psicológico,

fortalecendo a capacidade dos pais de lidar eficazmente com os desafios emocionais e práticos associados à PC de seus filhos.

Os achados reunidos reforçam as evidências da capacidade de a flexibilidade psicológica parental influenciar significativamente o ajustamento psicológico de pais de filhos com PC. Logo, o aprimoramento da capacidade de se ajustar com flexibilidade às demandas parentais demonstra ser uma prioridade e uma opção válida para profissionais da saúde que almejem promover respostas mais bem adaptativas desse público frente aos desafios implicados na parentalidade de um filho com PC. Finalmente, entende-se que há espaço e demanda para intervenções voltadas à promoção de estados psicológicos mais saudáveis através da flexibilidade psicológica desses pais.

### **Considerações finais**

O foco da psicologia da saúde é atuar nos aspectos psicológicos e comportamentais relacionados à saúde e ao adoecimento. Partindo dessa premissa, este estudo buscou analisar a aspectos da parentalidade de um filho com PC na perspectiva da Psicologia da saúde. A PC engloba uma variedade de síndromes clínicas distintas, marcadas por dificuldades motoras e/ou problemas de postura. Essas condições resultam de danos permanentes no cérebro, não progressivos, que podem ser causados por fatores genéticos, lesões durante a gestação ou complicações durante o parto. Demonstrou-se que há certa variabilidade na forma como os pais se adaptam a essas demandas. Enquanto alguns pais se mantêm saudáveis, outros experimentam problemas de saúde física e mental. Entender essa variabilidade na resposta adaptativa e o porquê de algumas pessoas adoecerem e outras se manterem saudáveis é uma das importantes questões para a Psicologia da Saúde, o que torna pertinente o mapeamento de variáveis protetivas à saúde dessa população.

Os achados aqui reunidos buscaram evidenciar a capacidade da autoeficácia parental e da flexibilidade psicológica parental de explicarem a probabilidade dos pais de filhos com PC se manterem saudáveis ou mesmo adoecerem diante das adversidades impostas pelo estresse e sobrecarga de cuidados. Intervenções voltadas ao desenvolvimento de crenças adaptativas de autoeficácia e à flexibilidade psicológica

acumulam evidências que reforçam sua eficiência na obtenção de desfechos mais bem adaptativos, revelando-se como opções válidas para ações voltadas ao bem-estar desse público.

Face ao conhecimento obtido com a síntese de trabalhos que permitiu a confecção deste estudo, cumpre destacar a escassez de estudos brasileiros voltados à compreensão da PC na perspectiva da Psicologia da Saúde, especificamente, de variáveis psicológicas sobre a capacidade adaptativa de pais de filhos com PC. Logo, ressalta-se a importância do investimento em pesquisas nessa temática, para que seja possível discriminar o quanto e em quais contextos o conhecimento internacional sobre o ajustamento psicológico nesse público se aplica ou reflete a realidade brasileira.

Outras lacunas identificadas incluem a escassez de estudos longitudinais visto que a maioria dos estudos tem caráter transversal, o que impede uma análise mais profunda das mudanças no ajustamento psicológico ao longo do tempo. Estudos longitudinais poderiam fornecer uma visão mais clara sobre como os pais se ajustam aos desafios de longo prazo impostos pela PC. Constatou-se também escassez de estudos de intervenção sobre o ajustamento de pais de filhos com PC, isso se deve em parte devido à complexidade da condição, que se manifesta de forma variada e dificulta a elaboração de intervenções padronizadas. Essa problemática pode estar associada ainda a limitações de recursos e financiamentos, especialmente quando envolve grupos específicos como pais de crianças com deficiências. Isso pode restringir a quantidade de estudos voltados para essa população. Além disso muitas pesquisas na área tem um foco preponderante no ajustamento infantil e se concentram no desenvolvimento e bem-estar da criança com PC. Essa ênfase nos filhos pode resultar em menos atenção às intervenções voltadas para os cuidadores.

Cumpre destacar que embora o papel de fatores como a autoeficácia e a flexibilidade psicológica tenha sido explorado, há uma necessidade de investigar outros mediadores cognitivos e emocionais, como a resiliência, o suporte social e os estilos de enfrentamento, que também podem impactar o ajustamento parental. Ademais, a presente revisão se propôs a investigar o processo adaptativo de pais frente aos desafios dos cuidados de seus filhos com PC. Logo, não foram incluídos estudos que buscassem entender o ajustamento psicológico de outros membros da família como irmãos, avós,

tios, entre outros. De modo geral, o impacto da PC sobre a dinâmica familiar como um todo é pouco explorado na literatura, sendo uma lacuna de estudo no campo. Estudos mais amplos que incluam a rede de suporte familiar poderiam fornecer uma visão mais abrangente sobre o ajustamento psicológico no contexto da PC.

Espera-se, enfim, que as ponderações realizadas neste estudo possam contribuir com a discussão a respeito da adaptação e do ajustamento psicológico em pais de filhos com PC, considerando a diversidade de estressores aos quais estão expostos no cotidiano de cuidados de seus filhos. Os achados então reunidos podem ajudar no planejamento de programas e políticas públicas em saúde, orientando futuras intervenções que tenham como intuito a prevenção de adoecimento físico e mental e, sobretudo, a promoção de bem-estar psicológico.

### Referências

- Abidin, R. R., Jenkins, C. L., & McGaughey, M. C. (1992). The relationship of early family variables to children's subsequent behavioral adjustment. *Journal of Clinical Child Psychology, 21*, 60–69. [https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2101\\_9](https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2101_9)
- American Psychological Association. (1976). Task Force on Health Research. Contributions of psychology to health research: Patterns, problems, and potentials. *American Psychologist, 31*, 263-274. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.31.4.263>
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Benjamin, J. Z., Harbeck-Weber, C., Ale, C., & Sim, L. (2020). Becoming flexible: Increase in parent psychological flexibility uniquely predicts better well-being following participation in a pediatric interdisciplinary pain rehabilitation program. *Journal of Contextual Behavioral Science, 15*, 181-188. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.01.003>
- Bingöl, H., Taşar, N., Bümen, Ş., & Günel, M. K. (2023). The relationship between emotional and behavioral problems, and parent-child interaction and parental self-efficacy in children and adolescents with cerebral palsy. *Medical Science and Discovery, 10*(6), 385-392. Recuperado de <https://medscidiscovery.com/index.php/msd/article/view/958>
- Boyd, M. J., Iacono, T., & McDonald, R. (2019). The perceptions of fathers about parenting a child with developmental disability: A scoping review. *Journal of*

*Policy and Practice in Intellectual Disabilities*, 16(4), 312-324.  
<https://doi.org/10.1111/jppi.12287>

- Branjerdporn, N., Benfer, K., Crawford, E., Ziviani, J., Boyd, R. N., & Sakzewski, L. (2022). Efficacy of early interventions with active parent implementation in low-and-Middle income countries for young children with cerebral palsy to improve child development and parent mental health outcomes: A systematic review. *Disability and Rehabilitation*, 44(23), 6969-6983.  
<https://doi.org/10.1080/09638288.2021.1989063>
- Brassell, A. A., Rosenberg, E., Parent, J., Rough, J. N., Fondacaro, K., & Seehuus, M. (2016). Parent's psychological flexibility: Associations with parenting and child psychosocial well-being. *Journal of Contextual Behavioral Science*, 5(2), 111-120.  
<https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2016.03.001>
- Byrne, G., Ghráda, Á. N., O'Mahony, T., & Brennan, E. (2021). A systematic review of the use of acceptance and commitment therapy in supporting parents. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 94, 378-407.  
<https://doi.org/10.1111/papt.12282>
- Cavalcante, L. T. C., & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista* 26 (1), 83-102.  
<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>
- Ceran, M. A., & Ceylan, B. (2021). Determination of the self-efficacy levels of parents with a child with cerebral palsy and the comparison of the parental self-efficacy levels. *Journal of Psychiatric Nursing*, 12(2), 113-121.  
<https://doi.org/10.14744/phd.2021.29974>
- Costa-Mattioli, M., & Walter, P. (2020). The integrated stress response: From mechanism to disease. *Science*, 368(6489), eaat5314.  
<https://doi.org/10.1126/science.aat5314>
- Cousino, M. K., & Hazen, R. A. (2013). Parenting stress among caregivers of children with chronic illness: A systematic review. *Journal of Pediatric Psychology*, 38(8), 809-828. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jst049>
- Crasta, D., Daks, J. S., & Rogge, R. D. (2020). Modeling suicide risk among parents during the COVID-19 pandemic: Psychological inflexibility exacerbates the impact of COVID-19 stressors on interpersonal risk factors for suicide. *Journal of contextual behavioral science*, 18, 117-127.  
<https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.09.003>
- Crnic, K., & Ross, E. (2017). Parenting stress and parental efficacy. *Parental stress and early child development: Adaptive and Maladaptive Outcomes*, 263-284.  
[https://doi.org/10.1007/978-3-319-55376-4\\_11](https://doi.org/10.1007/978-3-319-55376-4_11)

- Dickinson, C., Whittingham, K., Sheffield, J., Wotherspoon, J., & Boyd, R. N. (2020). Efficacy of interventions to improve psychological adjustment for parents of infants with or at risk of neurodevelopmental disability: A systematic review. *Infant Mental Health Journal, 41*(5), 697-722. <https://doi.org/10.1002/imhj.21871>
- Dieleman, L. M., Soenens, B., Prinzie, P., De Clercq, L., & De Pauw, S. S. (2021). Parenting children with cerebral palsy: A longitudinal examination of the role of child and parent factors. *Exceptional Children, 87*(3), 369-390. <https://doi.org/10.1177/0014402920986462>
- Dufner, M., Gebauer, J. E., Sedikides, C., & Denissen, J. J. (2019). Self-enhancement and psychological adjustment: A meta-analytic review. *Personality and Social Psychology Review, 23*(1), 48-72. <https://doi.org/10.1177/1088868318756467>
- Elangkovan, I. T., & Shorey, S. (2020). Experiences and needs of parents caring for children with cerebral palsy: A systematic review. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics, 41*(9), 730-739. <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000880>
- Faro, A. & Sousa, K. (2021). *Psicologia da saúde e covid-19: Cenários para a compreensão e atuação na pandemia*. In Faro, A., Cerqueira-Santos, E. & Silva, J. P. (Org.). *Psicologia e Covid-19: Saúde, desenvolvimento e educação*. (pp. 27-57). Editora Dialética
- Flanagan, D., Gaebler, D., Bart-Plange, E. L. B., & Msall, M. E. (2021). Addressing disparities among children with cerebral palsy: optimizing enablement, functioning, and participation. *Journal of pediatric rehabilitation medicine, 14*(2), 153-159. <https://doi.org/10.3233/PRM-210015>
- Flujas-Contreras, J. M., Recio-Berlanga, Á., Andrés, M. P., Fernández-Torres, M., Sánchez-López, P., & Gómez, I. (2023). The relationship between parental stress and psychological adjustment of the children: The role of parental psychological flexibility as a mediator. *Journal of Contextual Behavioral Science, 29*, 202-208. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2023.07.006>
- Fonseca, A., Moreira, H., & Canavarro, M. C. (2020). Uncovering the links between parenting stress and parenting styles: The role of psychological flexibility within parenting and global psychological flexibility. *Journal of contextual behavioral science, 18*, 59-67. <https://doi.org/10.1016/j.jcbs.2020.08.004>
- Freitag, V. L., Milbrath, V. M., & Motta, M. D. G. C. D. (2020). Tornar-se mãe de uma criança com paralisia cerebral: sentimentos vivenciados. *Psicologia em Estudo, 25*, e41608. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.41608>
- Fritz, H., & Sewell-Roberts, C. (2020). Family stress associated with cerebral palsy. *Cerebral Palsy, 515-545*. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-74558-9\\_213](https://doi.org/10.1007/978-3-319-74558-9_213)

- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26(2), 91-108. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- Guillamón, N., Nieto, R., Pousada, M., Redolar, D., Muñoz, E., Hernández, E., ... & Gómez-Zúñiga, B. (2013). Quality of life and mental health among parents of children with cerebral palsy: The influence of self-efficacy and coping strategies. *Journal of clinical nursing*, 22(11-12), 1579-1590. <https://doi.org/10.1111/jocn.12124>
- Gur, A., & Reich, A. (2023). Psychological flexibility of parents of children with disabilities: A systematic literature review. *Research in Developmental Disabilities*, 136, 104490. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2023.104490>
- Haque, M. A., Salwa, M., Sultana, S., Tasnim, A., Towhid, M. I. I., Karim, M. R., & Abdullah Al Mamun, M. (2022). Parenting stress among caregivers of children with neurodevelopmental disorders: a cross-sectional study in Bangladesh. *Journal of Intellectual Disabilities*, 26(2), 407-419. <https://doi.org/10.1177/17446295211002355>
- Harris, R. (2019). *ACT made simple: An easy-to-read primer on acceptance and commitment therapy*. New Harbinger Publications.
- Hayes, S. C., Luoma, J., Bond, F., Masuda, A., and Lillis, J. (2006). Acceptance and Commitment Therapy: Model, processes, and outcomes. *Behaviour Research and Therapy*, 44, 1-25. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2005.06.006>
- Irwin, L., Jesmont, C., & Basu, A. (2019). A systematic review and meta-analysis of the effectiveness of interventions to improve psychological wellbeing in the parents of children with cerebral palsy. *Research in Developmental Disabilities*, 95, 103511. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2019.103511>
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review*, 25(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>
- Kluge, A. B. S., & Faro, A. (2018). Psicologia da saúde do adolescente e mecanismos psicológicos de adaptação. In J. P. Silva, A. Faro & E. Cerqueira-Santos (Orgs.), *Psicologia e adolescência: Gênero, violência e saúde* (pp. 165-186). Curitiba: CRV.
- Lima, M. B. S., Ramos, E. M. L. S., Pontes, F. A. R., & Silva, S. S. D. C. (2021). Cerebral palsy: parental stress of caregivers. *Psico-USF*, 26, 357-368. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260213>

- Maddux, J. E., & Lewis, J. (1995). Self-efficacy and adjustment. In E. J. Maddux (Org.). *Self-efficacy, adaptation, and adjustment: Theory, research, and application* (pp. 37-68). Springer: Springer Science & Business Media.
- O'Connor, D. B., Thayer, J. F., & Vedhara, K. (2021). Stress and health: A review of psychobiological processes. *Annual review of psychology*, 72(1), 663-688. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-062520-122331>
- Peixoto, M. V. D. S., Duque, A. M., Carvalho, S. D., Gonçalves, T. P., Novais, A. P. D. S., & Nunes, M. A. P. (2020). Características epidemiológicas da paralisia cerebral em crianças e adolescentes em uma capital do nordeste brasileiro. *Fisioterapia e Pesquisa*, 27(4), 405-412. <https://doi.org/10.1590/1809-2950/20012527042020>
- Pinquart, M. (2018). Parenting stress in caregivers of children with chronic physical condition—A meta-analysis. *Stress and Health*, 34(2), 197-207. <https://doi.org/10.1002/smi.2780>
- Reisiec, H., Sharifi, T., Ghazanfari, A., & Chorami, M. (2021). The effect of psychological capital training on psychological burden and emotional self-regulation styles of mothers having children with cerebral palsy. *Journal of Shahrekord University of Medical Sciences*, 23(4), 154-161. <https://doi.org/10.34172/jsums.2021.26>
- Rother, E. T. (2007). Systematic literature review X narrative review. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20, 5-7. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Sadowska, M., Sarecka-Hujar, B., & Kopyta, I. (2020). Cerebral palsy: current opinions on definition, epidemiology, risk factors, classification and treatment options. *Neuropsychiatric Disease and Treatment*, 1505-1518. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.2147/NDT.S235165?scroll=top&needAccess=true>
- Sairanen, E., Lappalainen, P., & Hiltunen, A. (2018). Psychological inflexibility explains distress in parents whose children have chronic conditions. *PloS one*, 13(7), e0201155. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0201155>
- Sivaratnam, C., Devenish, B., Howells, K., Chellew, T., Reynolds, K., & Rinehart, N. (2021). Risk factors for mental health difficulties in parents of children with cerebral palsy: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychologist*, 25(1), 1-18. <https://doi.org/10.1080/13284207.2020.1829945>
- Solaski, M., Majnemer, A., & Oskoui, M. (2014). Contribution of socio-economic status on the prevalence of cerebral palsy: A systematic search and review. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 56(11), 1043-1051. <https://doi.org/10.1111/dmcn.12456>

- Souza, P. B. M. D., Ramos, E. M., & Silva, S. S. D. C. (2019). Coparental relationship and self-efficacy of caregivers of children with cerebral palsy. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2938. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e293>
- Staunton, E., Kehoe, C., & Sharkey, L. (2023). Families under pressure: Stress and quality of life in parents of children with an intellectual disability. *Irish Journal of Psychological Medicine*, 40(2), 192-199. <https://doi.org/10.1017/ipm.2020.4>
- Vitrikas, K., Dalton, H., & Breish, D. (2020). Cerebral palsy: An overview. *American Family Physician*, 101(4), 213-220. <https://doi.org/10.21037/tp.2020.01.01>
- Vosgerau, D. S. A. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: Implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ*, 165-190. <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Whittingham, K., Sheffield, J., Mak, C., Wright, A., & Boyd, R. N. (2022). Parenting Acceptance and Commitment Therapy: An RCT of an online course with families of children with CP. *Behaviour Research and Therapy*, 155, 104129. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2022.104129>
- Zimmer-Gembeck, M. J., Rudolph, J., Edwards, E. J., Swan, K., Campbell, S. M., Hawes, T., & Webb, H. J. (2022). The circle of security parenting program (COS-P): a randomized controlled trial of a low intensity, individualized attachment-based program with at-risk caregivers. *Behavior therapy*, 53(2), 208-223. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2021.07.003>